

Os anos de aprendizagem de Thomas Bernhard.

Samir Signeu Porto Oliveira
Universidade de Sorocaba
Mestrado

Artes cênicas da Escola de Comunicações E Artes da Universidade de São Paulo
Doutorando, professor, encenador

Resumo: O teatro do austríaco Thomas Bernhard é autoreferencial. Muito da sua obra literária é assumidamente autobiográfica, na qual se inclui principalmente os romances *Uma criança*, *A causa*, *O porão*, *A respiração* e *O frio*. Podemos perceber, assim, como ele objetiva artisticamente a si e sua vida. Apresenta e relata acontecimentos que alicerçaram e construíram a sua trajetória e que terá ressonância direta na sua produção dramática, como: a convivência conflituosa com a mãe, Hertha Bernhard; a presença masculina marcante do avô materno como modelo – o escritor Johannes Freumbichler – que muito fez para que ele se tornasse um artista; a sua relação com a música; a sua doença pulmonar; e a sua estadia dramática em um internado por duas vezes - a primeira quando essa instituição era dirigida por um nacional-socialista e a segunda por um católico.

É a partir deste inventário, que temos notícias da sua infância e adolescência, da sua vida como espelho da sua própria obra: a auto-representação. Vislumbramos, assim, o surgimento de um fazedor de teatro, de um destruidor de histórias, que utiliza da experiência e da palavra para falar e criticar o teatro e a sociedade austríaca. Neste sentido, o seu teatro é uma máquina de linguagem, onde a radicalização e as transgressões de conteúdo ganham destaque. A sua escritura está centrada na primazia do texto e através da intertextualidade, da técnica da repetição, das frases feitas e da língua utilizada como instrumento e campo de sonoridade forja uma linguagem desestabilizada, que margeia o ensaio cênico, um happening das palavras, permeado de solilóquios e monólogos. A discussão entre realidade e linguagem é permeada pelo niilismo, pela misantropia e pela misoginia. Discurso que incita, incomoda, instiga e provoca. Thomas Bernhard é o bufão, o enfant terrible e o Struwwelpeter do teatro de língua alemã.

O austríaco Thomas Bernhard nos legou uma robusta autobiografia, composta de cinco volumes: *A causa*¹, *O porão*, *A respiração*, *O frio* e *Uma criança*. Dessa forma, ele objetiva artisticamente a sua vida e a si mesmo e nos conduz aos acontecimentos que alicerçaram e construíram a sua trajetória de vida. Uma memória totalizadora com ressonância direta na sua produção dramática: ele é o sujeito da enunciação e do enunciado; bem como o produtor do discurso da subjetividade e da individualidade. Um texto referencial: o que importa é a verdade e não a verossimilhança; mas com espaço para a fantasia.

A partir deste inventário temos notícias da sua infância e adolescência; da sua vida como espelho da própria obra: a auto-representação. Vislumbramos o surgimento de um dramaturgo mordaz, polêmico e provocador; um fazedor de teatro, um destruidor

de histórias, que utiliza da experiência e da palavra para criticar e falar sobre o teatro e a sociedade austríaca. É o bufão do teatro de língua alemã.

Neste sentido, o seu teatro é uma máquina de linguagem, onde a radicalização e as transgressões de conteúdo ganham destaque. A sua escritura está centrada na primazia do texto, por meio da intertextualidade, da técnica da repetição e da língua utilizada como instrumento e campo de sonoridade. Há uma linguagem que margeia o ensaio cênico, um happening das palavras, repleto de solilóquios e monólogos. A discussão entre realidade e linguagem é entremeada pelo niilismo, a misantropia e a misoginia. Discurso que incita, incomoda, instiga e provoca.

Nesse percurso de autoconhecimento somos alertados que tudo o que encontra ali registrado, na autobiografia, nada mais é do que simples indicação. Reafirma, também, que são apenas esboços do que sentia e não o que pensava quando escreveu, pois o seu sentimento de então divergia do pensamento do momento da escritura.

Há uma relação arquitetônica que nos guia na compreensão do autor-criador e do autor-pessoa. Neste caso, o autor não só conhece tudo sobre ele e as outras “personagens”, como enxerga e conhece mais do que elas. Assim, cada fato, particularidade, pensamento e sentimento são acentuados e elaborados de acordo com o filtro do autor.

Uma criança começa com o relato de uma de suas transgressões: aos oito anos, pegou a bicicleta do seu tutor e partiu para a cidade de Salzburgo, distante trinta e seis quilômetros de Traunstein, onde morava. A aventura não acabou bem.

Filho natural da austríaca Hertha Bernhard e do marceneiro Alois Zuckerstätter, Thomas Bernhard nasceu em Heerlen, na Holanda, em 1931. Nunca conheceu o pai e esse pai ausente o marcará para sempre, devido à grande semelhança física entre eles. Essa semelhança, aliada à decepção amorosa da mãe e ao comportamento de Bernhard, fará com que a sua mãe se manifestasse, em relação a ele, com frases e xingamentos, responsabilizando-o pelo seu infortúnio. Não é difícil imaginar o eco dessas atitudes naquele filho ilegítimo. Para ele as palavras sempre foram muito mais poderosas do que as surras; pois sabia que quando ela o xingava ou batia era o pai, o causador da infelicidade, que ela queria xingar e bater.

Porém, amava a mãe e sabia que ela também o amava. Enquanto ela viveu esse amor recíproco não se desenvolveu por causa do homem invisível; assim, ele nos relata a dificuldade que sempre teve para descrever a sua mãe.

Thomas Bernhard só foi introduzido na família materna depois de um ano do seu nascimento, quando sua mãe retornou para a Áustria. A presença paterna será substituída pelo avô materno, o escritor austríaco Johannes Freumbichler². O avô é descrito por ele, em *Uma criança*, como a autoridade, o juiz, o professor, o amante da contradição. Um anarquista de espírito apreciador da natureza. O avô acobertava todas as suas transgressões e sempre quis fazer dele um artista. Foi com ele, também, que se familiarizaria com o ofício de escritor e já naquela época começou o interesse dele pelos próprios relatos. Na biblioteca do avô teve os primeiros contatos com os livros. Mas esse contato com aquela grande biblioteca era algo que, também, o horrorizava

Ao freqüentar a escola já sabia ler e escrever, mas o seu vínculo com essa instituição não foi fácil: tinha de ler o que não queria ler, escrever o que não queria escrever, absorver o que lhe repugnava. Sofria com a zombaria dos colegas por ter só o sobrenome materno. Lá não pertencia a nenhum grupo. Era considerado incapaz e péssimo aluno. Concordava com a máxima de seu avô, de que a escola era uma fábrica de imbecis. Muitos foram os pensamentos de suicídio e diz não ter se matado, na infância, por amor a seu avô.

Soube tirar proveito da sua habilidade esportiva. Ganhou muitas medalhas como corredor e passou a ser visto como um herói na escola. Só que ainda fazia xixi na cama e a sua mãe estendia o lençol manchado de amarelo no varal, todas as manhãs e dizia que era para que todo mundo visse o que ele era. Era muita humilhação. Mais algumas as tentativas de suicídio no varal e no telhado da casa.

Foi enviado para um Lar de Reeducação Infantil, onde diariamente o seu lençol manchado era apresentado na hora do café da manhã. Passou a ser conhecido como o mijão. Nessa época a Áustria foi anexada à Alemanha e ser austríaco passou a ser pejorativo.

Participou da *Jungvolk*, que era um estágio preliminar da chamada Juventude Hitlerista, para garotos de 10 a 14 anos; onde eram introduzidos nos ideais do nacional-socialismo. Mais uma vez, por causa das medalhas conquistadas, era considerado um herói. Constatou a importância que regimes totalitários davam ao esporte; principalmente em épocas de crise. Começou a estudar violino. Entrou numa escola de comercio. Assim, ao barulho dos alarmes antiaéreo, Thomas Bernhard foi iniciado no espetáculo da guerra e tomou conhecimento das palavras Hitler e nacional-socialismo.

Já em *A causa* há as lembranças da cidade da sua infância, Salzburgo – a cidade dos suicidas. Segundo ele, beleza e hipocrisia, arte e indiferença a povoavam. Viveu, ali,

os tempos sombrios da Segunda Guerra. Relatos de pesadelos ao som dos alarmes antiaéreos. Foi confrontado com a brutalidade da guerra: tomou consciência da estupidez e da indignidade das guerras. No internato era obrigado, aos domingos, ouvir os relatos radiofônicos da guerra, usar o uniforme e cantar as canções da Juventude Hitlerista. Sempre levava safanões do diretor nacional-socialista Grünkranz. O internato tornou-se para ele um cárcere estatal e educacional. Portanto, foram varias as tentativas de fuga e de se matar. Tinha ouvido e sensibilidade altamente musicais. Desistiu do violino ao associá-lo a sua melancolia e ao suicídio. Não se matou, mas quatro dos seus colegas do internato se suicidaram.

Com o pós-guerra voltou para o internato, agora dirigido pelo católico Tio Franz. Não via diferenças significativas entre o sistema nacional-socialista e o católico. Dizia que fora alertado pelo seu avô e, portanto, não se impressionava nem pela estupidez nacional-socialista nem pela católica. Verificou não só as destruições materiais, produto da guerra, mas a destruição do ser. Com a sua avó materna desenvolveu o gosto pelos cemitérios.

Perdeu a vontade de aprender e parou de estudar. Os ginásios eram para ele centros de putrefação, onde os professores eram pobres de espírito; era um espelho do grau de vileza da sociedade, onde os excluídos eram identificados e ignorados. Arranjou trabalho como jardineiro.

Thomas Bernhard reconhece que conseguiu ocultar e esconder a sua infelicidade; mas que anotava e dizia o que precisava ser dito. Estudou a ele mesmo mais do que qualquer outra coisa; mas que, às vezes, passava pela sua cabeça não expor tanto assim a sua história. É o embate do autor consigo mesmo.

Ainda jovem teve pleurisia, levando-o a diversas internações, entre 1950 e 1951; e que o debilitou por toda a vida. Morreu de uma crise cardíaca, em 1989, aos cinquenta e oito anos. Na sua juventude estudou canto e estética musical, na Academia de Música de Viena e, também, artes cênicas no Mozarteum, em Salzburgo.

A sua produção literária foi profícua. Obras inquietantes e originais, em que é possível detectar resquícios e elementos da sua vida, do seu material autobiográfico. Se pensarmos num estudo imagológico, encontraremos, em grande parte dessa obra, uma imagem da Áustria repleta dos sentimentos de ódio, repulsa e amor, como os dirigidos a cidade de Salzburgo.

Agraciado com os mais importantes prêmios destinados aos escritores de língua alemã, provocou, em diversas dessas ocasiões, escândalos e incômodos nos promotores

dos eventos e nas platéias. Criticava a hipocrisia da política e da sociedade austríaca e falava mal da cidade que lhe concedera o prêmio ou abordava temas como: a morte e a busca da verdade.

Thomas Bernhard teve uma relação conturbada com o teatro: vários atritos com diretores de Teatros Estatais e de Festivais. Chegou mesmo a deixar em testamento a interdição da apresentação de seus trabalhos em território austríaco. Dentre as suas peças destacam-se: *Uma festa para Boris*, *O Ignorante e o Louco*, *Os Celebres*, *A Sociedade de caça*, *A força do hábito*, *O Presidente*, *Minetti*. *Retrato do artista como velho*, *Immanuel Kant*. *Comédia*, *O Reformador do mundo*, *No Alvo*, *As aparências enganam*, *O Fazedor de teatro*, *Simplesmente complicado* etc. Mas é com a encenação da sua última produção dramaturgica *Praça dos heróis*, em 1988, sob a direção de Claus Peymann, que ele atrairá para si a ira de muitos políticos e da imprensa do seu país; ao abordar o fanatismo e o anti-semitismo na Áustria. O seu reconhecimento mundial acontece a partir dos anos sessenta e setenta, com a tradução e publicação de suas narrativas e as encenações de suas peças em diversos países da Europa.

¹ Todos os títulos foram traduzidos para o português.

² Nasceu em 22.10.1881 e morreu em 11.02.1949, em Salzburgo. Em 1937 recebeu o Prêmio do Estado Austríaco de Literatura, pelo seu romance mais conhecido: *Philomena Ellenhub*.

Bibliografia

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
BERNHARD, Thomas. **Origem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
LEJEUNE, Philippe. **O Pacto Autobiográfico**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.